



Greve dos bombeiros de Londres, Nov/1977

As lutas estudantis e a greve geral na França em maio de 1968 deram origem a um amplo ascenso grevista com diferentes graus de intensidade: Itália, Irlanda, Canadá (1969); Canadá, Austrália, Bélgica, Nova Zelândia, Dinamarca, Noruega e Holanda (1970); Grã Bretanha, Austrália, Japão, Finlândia, Alemanha Ocidental, Suécia e Suíça (1971); Grã Bretanha e Japão (1972). Algumas destas experiências colocaram ***novas perspectivas à transição socialista***

Na Itália entre 1969 e 1973 desenvolveu-se uma forte luta operária que ***questionou o poder das burocracias sindicais e partidárias sobre os trabalhadores***, a partir de ondas de trabalhadores migrantes do Sul que perturbaram anteriores relações de representação. Novos métodos de luta foram desenvolvidos a partir das tensões cotidianas no local de trabalho: marchas militantes, paralisações rotativas em diferentes setores da produção, redução do ritmo de trabalho, greves selvagens, etc.



Assembléias nas fábricas Borletti e Pirelli



As pautas foram além da demanda salarial **e questionaram fundamentos da organização do trabalho e do poder burguês dentro da fábrica**: recusa do salário ligado às exigências de ritmo e produtividade; questionamento da hierarquia gerencial na fábrica; reduções reais de tempo de trabalho. Dentre as principais conquistas estão as 150 horas pagas pelo patronato para a formação cultural e política dos operários e os aumentos salariais em média de 23,4% entre 1969 e 1970

As lutas dos operários italianos entre 1969 e 1973 transbordaram a fábrica e ***questionaram aspectos chave da organização capitalista das cidades***. Destacam-se as greves no pagamento de aluguel e as resistências coletivas aos despejos; as ocupações de edifícios abandonados voltados à especulação; as paralisações de ônibus contra altas tarifas e mau serviço; greves e ocupações em escolas primárias e secundárias por livros e transporte gratuitos e para a abertura das escolas à comunidade



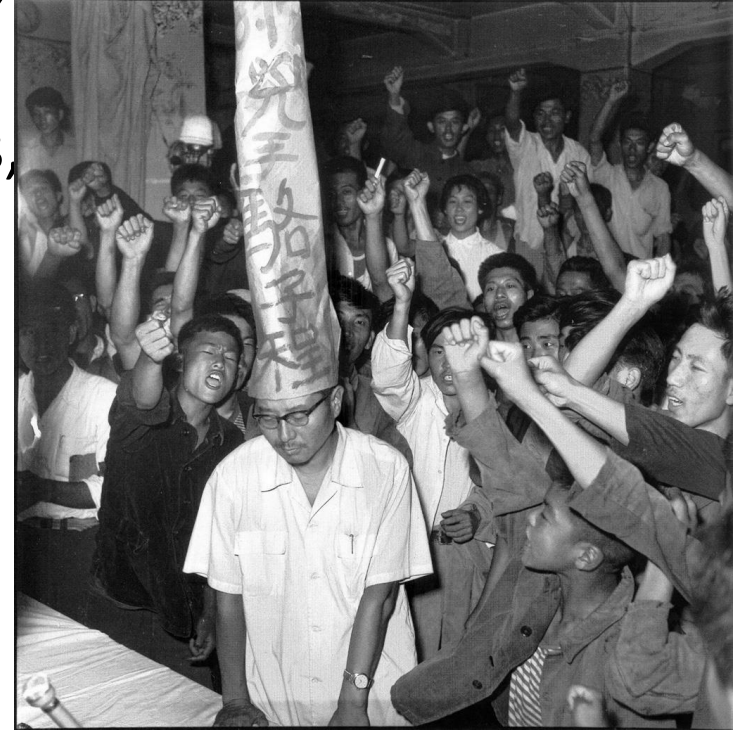






Simultaneamente, a revolução cultural na China também ***questionou a burocracia partidária, em especial na administração fabril.*** A título de exemplo, dos 4.532 membros de comitês do partido nas 1.119 fábricas na cidade de Xangai em 1971, apenas 37% eram dirigentes antes de 1966. Neste processo, a ‘reeducação’ daqueles com ‘concepções burguesas’ a partir do trabalho intelectual e manual assumiu muitas vezes caráter brutal, confundindo lutas políticas e perseguições pessoais.

Ainda assim, a Revolução Cultural representou um forte ***questionamento à permanência de relações de exploração na URSS.*** A gestão soviética baseava-se na autoridade absoluta do diretor, no privilégio a técnicos e no incentivo material à produtividade dos trabalhadores. Já na revolução cultural, operários assumiram aspectos do trabalho intelectual (inovações técnicas, debate de planejamentos, solução de problemas da linha de produção), enquanto quadros técnicos participavam diretamente do trabalho manual em sua formação e em seu cotidiano.





Isto evoluiu para um ***questionamento do tipo de desenvolvimento das forças produtivas***. A via soviética ao socialismo estava baseada no desenvolvimento crescente de forças produtivas, geralmente reproduzindo a técnica de países capitalistas. A revolução cultural questionou o caráter supostamente neutro desta técnica. Segundo esta visão, a via ao socialismo deveria se basear na transformação das relações de produção, o que levaria a um diferente tipo de desenvolvimento de forças produtivas propriamente socialistas





Packard de Detroit, maior fábrica automotiva abandonada do mundo, com 47 prédios que chegaram a ocupar 40.000 operários

Em resposta ao ascenso da luta operária nas décadas de 1960 e 1970, a burguesia internacional iniciou uma **reestruturação produtiva** que transformou radicalmente a morfologia da classe trabalhadora em todo o mundo. Primeiramente, a automação e o realocamento de plantas **reduziram drasticamente os postos de trabalho no interior das fábricas**. A título de exemplo, na cidade de São Paulo o número de operários caiu de 836.621 em 1975 para 462.723 em 1995.

Em segundo lugar, inúmeros canais de subcontratação ***fragmentaram a classe trabalhadora tanto no interior da fábrica, quanto no território da cidade.*** Atividades antes realizadas dentro da fábrica foram repassadas a fornecedoras, enquanto outras atividades no interior da planta foram repassadas a empresas terceiras. Ao mesmo tempo, a centralização dos fluxos de informações fortaleceu nas mãos do capital a gestão do processo produtivo e da força de trabalho como um todo.





Por fim, novas relações dentro da fábrica permitiram ***maximizar a exploração do componente intelectual da força de trabalho.***

Minimizaram-se as hierarquias entre administração e chão de fábrica, criaram-se turmas de trabalho com maior interação horizontal e forjaram-se “colaboradores” mais proativos na busca de soluções. O resultado foi construção de subjetividades resignadas e vulneráveis, mais afins à perspectiva empresarial e menos permeáveis à solidariedade de classe